

Os indígenas do Brasil

Orientações para o professor

Objetivos do trabalho com o tema e de suas respectivas atividades:

Mostrar a diversidade lingüística das populações indígenas do Brasil, evidenciando igualmente a distribuição espacial dos principais troncos lingüísticos pelo território brasileiro à época da Descoberta do Brasil.

Destacar a presença de um continuum Tupi-Guarani, do litoral sul de São Paulo até o litoral cearense, interrompido pela presença de povos tapuias (não-tupis) e na bacia dos Rios Paraná e Paraguai, percebendo que foram os tupis os primeiros indígenas que os portugueses contataram.

Evidenciar o lugar essencial da guerra e da antropofagia entre os Tupis, mostrando sua importância social e religiosa.

Explorar a divisão do trabalho existente entre os tupis.

Dicas:

O filme *Hans Staden*, de Luís Alberto Pereira (ou trechos dele), pode ser exibido em sala para complementar a discussão. O filme é uma reconstituição primorosa do modo de vida Tupinambá, sendo bastante fiel aos estudos dos historiadores e antropólogos. Afasta-se, às vezes, da narrativa de *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden, sobretudo no que se refere aos preconceitos (ocultos e explícitos) e às aventuras da personagem. O professor, todavia, não pode perder de vista que filme é cinema, não é história nem antropologia e, como arte que é, tem liberdade de criar, de efabular, mesmo porque seu propósito básico é o entretenimento. Logo, o filme não deve ser usado para “ilustrar a aula”. Nesse sentido, cabe associar o filme com sua história de produção e exibição, com as afirmações de seu diretor e a recepção da crítica e, por fim, com o contexto. Produzido em 1999, foi lançado no ano 2000, momento em que se comemoravam os 500 anos da Descoberta do Brasil. Luís Alberto Pereira negou que tivesse essa comemoração em vista, mas várias passagens do filme em que o mesmo se distancia da narrativa da obra de Staden sugerem que o diretor procurou fazer um balanço crítico da colonização européia. Em relação a essas passagens, cabe destacar a inserção do escravo negro (que não aparece no filme), da Iara (ao que tudo indica, inspirada na versão infantil da obra de Staden escrita por Monteiro Lobato) e dos comentários finais sobre o que sucedeu aos Tupinambás (doença, guerra e extermínio).